



UM ROTEIRO-MEMÓRIA-REFLEXÃO SOBRE OS CATORZE ANOS DE PRÁTICA MÉDICA E TEATRAL COMUNITÁRIA: DO HOSPÍCIO DO ENGENHO DE DENTRO AO TEATRO-CLÍNICA DYONISES

*A SCRIPT-MEMORY-REFLECTION ON FOURTEEN YEARS OF COMMUNITY
MEDICAL AND THEATRICAL PRACTICE: FROM THE ENGENHO DE DENTRO
ASYLUM TO THE DYONISES THEATER-CLINIC*

*UN GUION-MEMORIA-REFLEXIÓN SOBRE 14 AÑOS DE PRÁCTICA MÉDICA Y
TEATRAL COMUNITARIA: DESDE EL PSIQUIÁTRICO DE ENGENHO DE
DENTRO HASTA EL TEATRO-CLÍNICA DYONISES*

**Vitor Pordeus, Thiago Beck, Fabio Ariston, Nando Rodrigues
e Jaswant Guzder**

Vitor Pordeus

Teatro-Clínica DyoNises, Rio de Janeiro, Brasil, e Division of Social and Transcultural Psychiatry, Universidade McGill, Montreal, Canadá. É ator, médico imunologista e psiquiatra transcultural.

Thiago Beck

Teatro-Clínica DyoNises, Rio de Janeiro, Brasil. É ator e psicólogo clínico.

Fabio Ariston

Teatro-Clínica DyoNises, Rio de Janeiro, Brasil. É cientista social e diplomata.

Nando Rodrigues

Teatro-Clínica DyoNises, Rio de Janeiro, Brasil. É ator e dramaterapeuta.

Jaswant Guzder

Teatro-Clínica DyoNises, Rio de Janeiro, Brasil, e Division of Social and Transcultural Psychiatry, Universidade McGill, Montreal, Canadá. É artista visual, médica psiquiatra transcultural e professora.

Um roteiro-memória-reflexão sobre os catorze anos de prática médica e teatral comunitária: do Hospício do Engenho de Dentro ao Teatro-Clínica Dyonises

Resumo

Num roteiro de escrita performativa autobiográfica, relatamos as histórias que nos levaram a desenvolver experiência de teatro e psiquiatria transcultural no mais antigo hospício público brasileiro. Essa experiência teve a contribuição de mestres da ciência e da arte brasileiras até a constituição do Teatro-Clínica DyoNises e do Hotel da Loucura, além da colaboração metodológica de autores brasileiros e internacionais.

Palavras-chave: ação cultural, saúde mental individual e coletiva, O modelo de promoção humana através de método de ator: de paciente psiquiátrico a ator de espaços públicos, ciência brasileira, Amir Haddad, Nelson Vaz, Nise da Silveira, Movimento Escambo Livre de Rua, Cenopoesia, Junio Santos, Ray Lima, Vera Dantas, Hospício do Engenho de Dentro, Gabinete da Secretaria Municipal de Saúde, Teatro-Clínica DyoNises no quinto ano de prática médica e teatral contínua no Rio de Janeiro

Abstract

In a performative autobiographical writing script, we tell the stories that led us to develop experience in transcultural theater and psychiatry in the oldest public asylum in Brazil. This experience had the contributions of Brazilian masters of science and art until the constitution of the Theater-Clinic of DyoNises and the Madness Hotel, in addition to the methodological collaboration of Brazilian and international authors.

Keywords: Cultural action, individual and collective mental health, The model of human promotion by the actor method: from psychiatric patient to a public spaces actor, brazilian science, Amir Haddad, Nelson Vaz, Nise da Silveira, Movimento Escambo Livre de Rua, Cenopoesia, Junio Santos, Ray Lima, Vera Dantas; Engenho de Dentro Asylum, bureau of the county health office, Theater Clinic DyoNises on the fifth year of continuous medical and theatrical practice in Rio de Janeiro

Resumen

En un guion de escritura autobiográfica performativa, contamos las historias que nos llevaron a desarrollar la experiencia en teatro y psiquiatría transcultural en el hospital psiquiátrico público más antiguo de Brasil. Esta experiencia tuvo la contribución de maestros de la ciencia y el arte brasileños hasta la constitución del Teatro-Clínica de DyoNises y del Hotel de la Locura, además de la colaboración metodológica de autores brasileños e internacionales.

Palabras clave: acción cultural, salud mental individual y colectiva, el modelo de promoción humana a través del método del actor: desde el paciente psiquiátrico hasta el actor en espacios públicos, ciencia brasileña, Amir Haddad, Nelson Vaz, Nise da Silveira, Movimiento de intercambio libre de calle, Cenopoesía, Junio Santos, Ray Lima, Vera Dantas, Psiquiátrico Engenho de Dentro, Oficina de la Secretaría Municipal de Salud, Teatro Clínica DyoNises en el quinto año de práctica médica y teatral continua en Río de Janeiro

A meu pai e minha mãe, eu sou vocês; aos meus pacientes, alunos e mestres, eu sou vocês.

Prólogo. A doença como iniciação médica

Em quase trinta anos de prática profissional ligada à saúde, considerando que iniciei meus estudos em patologia clínica no segundo grau técnico aos catorze anos, posso distinguir o primeiro e maior choque da minha vida: a parada cardiorrespiratória do meu avô, por negligência e erro médico, em 2003. Ele estava internado no hospital-escola onde eu, com 22 anos, realizava estágio no terceiro ano da faculdade de medicina, em meio a grandes dificuldades materiais que colocavam em risco o prosseguimento dos meus estudos. Eu contava apenas com o apoio dos meus pais, que me criaram em um condomínio de habitação popular (Cohab), em Realengo, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Doente de um câncer hematológico, um mieloma múltiplo, meu avô teve alta sem receber a transfusão que seria necessária. A cena de encontrar meu avô, que entrou na sala de emergência andando, e presenciar sua parada cardíaca, quando me abraçou, foi destruidora para mim.

Hoje, minhas memórias estão melhor organizadas, mas a fragmentação mental que ocorreu a partir dessa cena me rendeu cinco anos de síndrome depressiva grave, com ideação suicida, e um total esgotamento estudantil e profissional. Trabalho até hoje para superar essa contradição por meio da minha prática médica e científica desenvolvida nos últimos anos.

Buscarei, no presente artigo, reconstituir essa história, de forma a explicitar, por sua utilidade, ideias, métodos e pessoas que foram importantes em sua construção.

Cena 1. A busca pelo teatro

Depois de enfrentar essa situação psicopatológica dentro da medicina e da ciência, a primeira mestra que me acolheu foi a grande atriz e comediante Duse Naccarati (1933-2009), referência fundamental e que revolucionou a comédia brasileira no início dos anos 1970 e 1980. Natural de Cataguases, Minas Gerais, Duse veio para o Rio com a família. Depois de ter se tornado funcionária do Ministério do Trabalho, aos 29 anos, foi estudar no Conservatório Nacional de Teatro, atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde foi colega de Marco Nanini e de Jesus Chediak, entre outros.

Duse Naccarati

— Cuidado, amor, é tudo tiete. Eu inventei essa palavra tiete fazendo referência à Dona Tiete, chefe do arquivo no Ministério do Trabalho no Rio.

Vitor Pordeus

— Amada Duse, hoje eu te entendo. Todo tiete é um traíra.

Duse, veterana e experiente atriz, trabalhou intensamente comigo, de forma absolutamente generosa e amorosa. Fundamos o grupo Laboratório Tupi-Nagô de Arte e Ciência, que percorreu a cidade do Rio de Janeiro, apresentando a primeira peça que escrevemos, *E, ainda assim, se move* (2009), que narrava, em linguagem tragicômica, o doloroso processo de um jovem médico em início de carreira, e sobre a qual trataremos mais adiante. Outra grande contribuição de Duse foi ter me instruído a procurar a grande atriz e formadora humana Camilla Amado (1938-2021). Ambas, já no plano espiritual, continuam nos iluminando de lá.

Camilla Amado

— Calma menino, não é só Apolo. Tem Dionísio. E quando te atacarem, agradece e segue em frente.

É preciso compreender que aprendemos em relação de afeto, que curamos e adoecemos em relação de afeto. E o conhecimento não é linear, mas vem de todos os lados ao mesmo tempo, vem da convivência, vem da amizade, vem do criar junto. Homenageio aqui Duse e Camilla, duas mestras fundamentais. Outro mestre fundamental que conheci na mesma época foi o ator e cantor Ney Matogrosso (1941), que também se juntou ao nosso grupo em apresentações memoráveis de nossa peça seminal. Ney é nosso pai amoroso e criativo, o pai que ele não teve.

Ney Matogrosso

— Deixa falarem e vai na sua. E a viagem é para dentro, viu?

Cena 2. Amir Haddad e o Tá Na Rua

Duse Naccarati

— Agora é hora de você ir ao Mestre Amir Haddad.

E eu fui. Da experiência com o Tá na Rua, recupero esse texto publicado em 2007, no blog *Imanente Mente*, que traz um retrato mais fresco:

Até ator tem – Tá Na Rua!

Fique à vontade. Vá dançando, brincando com os seus companheiros. Escute a música, entre no ritmo, jogue com todos, interaja, olhe no olho, estabeleça sintonia e, acima de tudo, divirta-se! Pule, cante, dance, intérprete, vale tudo, vale propor o que quiser. Esqueça as regras, as hierarquias, as especialidades, os protagonistas, as vaidades, as obrigações. Trabalhe a favor do fluxo, molde suas ações de acordo com o fluxo, e não esqueça, claro: a humanidade é um time. Mesmo que isso seja negado a você a todo instante.

Se você puder experimentar, vai ver como é essa mesma a nossa vocação: cooperar ao invés de competir, brincar, se divertir, construir nossas condutas na alegria.

Todos são admitidos, todos os tipos, cores, credos, sexualidades. Tem filósofo, menino de rua, dona de casa, médico, cientista, músico e até ator tem. Todos juntos, querendo fazer algo novo, algo que rompa com as linhas de produção dos tempos modernos em que fomos enfiados, algo que mude as relações de poder de nossa sociedade, querendo afirmar que é na cooperação, na alegria, no amor e no humor que se dá o humano. É quando dançamos juntos, cantamos juntos, brincamos juntos é que somos humanos.

Foi na ruptura com nossa própria natureza, com nossa biologia interdependente, intrincada, nas nossas relações cooperativas, que transformamos nossa natureza em cinza, as paisagens em cinza, as pessoas em cinza. Não precisamos de nada disso, isso fica claro demais com todos juntos cantando, ou fazendo uma cena, integrados, harmônicos, agindo pelo prazer e pela liberdade. Aí é que sabemos ser essa a nossa natureza, a nossa natureza esquecida, recuperável desde a infância, soterrada pelas máquinas, corporações, concreto, e toda a poluição do nosso mundo atômico.

Não fosse o gênio de Amir Haddad (1937), o bruxo cientista, experimentador, inventor do teatro contemporâneo, tentando novas possibilidades o tempo todo, estaríamos perdidos. Revolucionando o espaço, esse que determina as relações que podem se estabelecer entre os humanos, enterrando o cadáver do palco italiano que ascendeu e morreu com a burguesia especialista, despachando, de uma vez por todas, as celebridades protagonistas que babam ovo para as elites para pagar suas produções e estilo de vida caríssimos, liberando e libertando a todos. Depois de fundar o Teatro Oficina, em São Paulo, nos 1960, Haddad se mudou para o MAM, no Rio de Janeiro, lá na década de 1970, na “comunidade“. Depois, acabou fugindo para a rua, fundou o Tá na Rua, encontrando o cidadão, valorizando o espaço público, incluindo as pessoas, maravilhosamente “deselitizando” as artes, o teatro, a música, a alegria. O Tá na Rua abriu suas portas em 1980, virou Instituto em 2000 e continua firme e forte, um oásis de liberdade, um bunker de resistência contra a mediocridade e o autoritarismo que dominaram

todos os lados. Haddad e sua turma afirmam a possibilidade, o que pode ser construído, o que depende de nós, nos exorcizando das amarras, dos conceitos, do totalitarismo velado da sociedade contemporânea. No amor e no humor, eles constroem o teatro e a sociedade brasileira (PORDEUS, 2007).

Cena 3. Laboratório Tupi-Nagô. *E, ainda assim, se move:* autobiografia teatral terapêutica originária

Com a progressão do trabalho de pesquisa e prática teatral com o Tá na Rua, escrevi um texto com importantes colaboradores, em especial Nando Rodrigues, ator, diretor e poeta com quem cocriamos o Laboratório Tupi-Nagô, além de Fabio Ariston, Duse Naccarati, Leonardo Vieira, Bruno Rausch, Flavio Braga, Ju Barros, Regina Navarro Lins, Miguel Campelo, Davi Lima, Amir Haddad, Ney Matogrosso, entre outros (PORDEUS, 2008).

A criação dessa peça e sua encenação em diversos espaços da cidade me ajudaram a ressignificar os eventos traumáticos pelos quais havia passado, e representaram a consolidação de uma visão crítica sobre a medicina. A partir daí, entendi que precisaria trilhar o caminho de uma medicina mais humana a partir de experiências desenvolvidas por mestres que poderiam viabilizar caminhos próprios e eficientes de lidar com a nossa colonização mental, mas que, e talvez por isso mesmo, tiveram suas obras invisibilizadas. Aqui o *Manifesto tupi-nagô*, escrito em 2008, durante um dos meus períodos de trabalho em Tel Aviv, e que resume essas ideias:

Iniciativa Laboratório Tupi-Nagô: arte e ciência misturadas para o cidadão

Depois de um século XX de dadaísmo, construtivismo, tropicalismo e outros ismos. Depois de duas bombas atômicas, do projeto genoma, da clonagem de grandes mamíferos. Depois da explosão de conhecimento especializado das superuniversidades, dos renomados superespecialistas que são capazes de resolver qualquer coisa, fica uma pergunta: e o cidadão?

Esse anda mal, anda agredido e assassinado por políticas de estados fascistas, mal-informado por uma mídia mentirosa, enganado por uma classe política corrupta, maltratado por uma medicina tecnológica caríssima e negligente. Como será isso possível se temos tanto conhecimento sobre tudo, se descobrimos os segredos mais profundos das moléculas, dos matizes de cor, da hipnose marketológica que determina os desejos e afetos? Temos uma montanha de conhecimento especializado e, ainda assim, muita pouca compreensão sobre o que nós somos, o que é o nosso meio ambiente e nossa sociedade.

Há excelentes ideias sobre nossa verdadeira natureza, sobre o que é o nosso mundo e de como lidar com ele, a questão é que nossa máquina monstruosa de comunicação é absolutamente incapaz de disseminar essas ideias, de educar, de instruir, de promover autonomia e liberdade. Nos distanciamos completamente do valor da verdade. Mas o que é a verdade afinal? A verdade é um conceito de grupo. Quando legitimada por uma comunidade, e, em nossa era científica, ela é legítima segundo os critérios da ciência, que incluem a proposição de mecanismos que sejam capazes de reproduzir os fenômenos que queremos explicar quando colocados em teste, experimentados. Logo, desde que se tenha um mecanismo, toda e qualquer proposição poderá ser verdadeira, basta que essas propostas sejam experimentadas e validadas pela comunidade. Quando examinadas com rigor, uma parte enorme do que se vende como verdade por aí desaba, especialmente o que se vende como ciência. Na maior parte dos casos, são falácias produzidas em laboratório, pirotecnia, tudo com o objetivo muito claro: vender, vender muito. E, se vende, é verdadeiro, sem maiores questionamentos. Se considerarmos a sociedade global em que vivemos, um planeta arrasado, em geral pequenas bolhas de conforto material cercadas de favelas e refugiados por todos os lados, é claro que grande parte de nossa ciência é falaciosa, pois ela falha em se encontrar com a realidade, em confrontar o cotidiano e explicar nossos fenômenos, promover a verdade. Outro aspecto desse circo de masturbação tecnológica especializada é que o sistema se retroalimenta, seleciona a emergência de novas “verdades” segundo critérios muito específicos. Só há espaço para informações que

confirmem seus valores, que não questionem nada, daí a mediocridade e apatia dos produtores de ideias, que, sem a mais pálida noção do que estão fazendo, têm uma única preocupação: aparecer, ocupar espaço na consciência popular falando de assuntos esdrúxulos, redundantes, sem qualquer relação com nossa sofrida e urgente realidade. Quando prestamos atenção em tecnologia exótica, personagens fúteis, celebridades inconscientes, entretenimento burro e barato, estamos deixando de discutir o que realmente importa, os abusos que sofremos diariamente, o cotidiano opressivo que afeta a maior parte da humanidade todo santo dia.

Nossa proposta é abandonar a linguagem especializada e seus ciclos viciosos de recompensas burocrático-materiais e “desespecializar”, isto é, aprender a falar em língua de cidadão, utilizar linguagens artísticas, imbatíveis na capacidade de comunicar, e disseminar a verdade. Não qualquer verdade, mas aquela refletida profundamente, aprendida por experiência, verificada, examinada cuidadosamente, questionada de verdade por todos, por todo e cada cidadão. Artista, envolva-se com a ciência, ela precisa de você para se apoderar de informações valiosas que estão escondidas do cidadão. Cientista, envolva-se com a arte, ela pode te ajudar a ver o mundo de uma forma mais ampla e te desenterrar da cova da especialidade que obscurece sua visão sobre o mundo. Desespecializem-se, misturem-se, desenvolvam novas linguagens, troquem informações e, acima de tudo, falem para o cidadão, pois vocês não são cidadãos? Com ética, e estética. Com verdade, decência e beleza, é isso que todos nós queremos afinal. Viver não é nem nunca será uma atividade especializada. Como é que fomos cair nessa?

Cena 4. Hospício do Engenho de Dentro: Nise da Silveira e a revolução da ciência suburbana

Quando iniciamos os trabalhos do Tupi-Nagô Lab, eu era médico contratado como monitor de pesquisa clínica no Hospital Pró-Cardíaco. Em novembro de 2008, meu chefe nesse hospital, dr. Hans Fernando Dohmann, foi indicado como Secretário Municipal de Saúde e, nas primeiras conversas comigo, me convidou para trabalhar na frente cultural da gestão. Esse

processo levou à fundação do Núcleo de Cultura Ciência e Saúde, iniciativa inédita que fundamentou o meu trabalho na saúde pública municipal carioca e determinou minha trajetória como médico comunitário a partir daí. Nesse contexto, tivemos a oportunidade de trabalhar de modo estável em mais de sessenta comunidades no município do Rio de Janeiro, produzindo catorze escolas populares de saúde, cuja articulação nos levou a fundar a Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC), que oferece visitas e formações continuadas a grupos das comunidades em espaços como o Museu de Imagens do Inconsciente, a Coleção de Plantas Medicinais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Instituto Tá na Rua, o Instituto de Nutrição Annes Dias e muitos outros grupos e organizações culturais dos territórios comunitários. Como bem defendeu Amir Haddad, em uma das muitas reuniões no Gabinete da Secretaria de Saúde: “Vamos mapear e fomentar os focos de saúde das comunidades”.

De todas as comunidades trabalhadas, destacou-se no campo da promoção da saúde através da cultura o Museu de Imagens do Inconsciente, no Hospício do Engenho de Dentro, fundado pela dr.^a Nise da Silveira. Médica alagoana que se estabeleceu no Rio no fim dos anos 1920, Nise mudou os rumos da psiquiatria e da medicina comunitária, assim como das artes no Brasil. Ela introduziu métodos clínicos para o tratamento de doentes mentais considerados graves por meio da leitura semiológica das obras de artes por eles produzidas, segundo os princípios científicos da psicologia analítica de Carl G. Jung, com quem ela trabalhou pessoalmente em 1957, em Zurique.

Cena 5. O Teatro-Clínica DyoNises, o Hotel da Loucura e a Universidade Popular de Arte e Ciência no Hospício do Engenho de Dentro

Algo de muito singular, forte e sincrônico se passou com nossa experiência no Hospício do Engenho de Dentro quando cheguei lá, em 2009. Logo no primeiro ano, produzi esse texto. Uma carta para Nise, uma carta para mim próprio.

“Revolução no Engenho de Dentro

Grande gênio humano, rebelde e revolucionária, transformou a vida de todos nós, para sempre, com sua generosidade, honestidade, carinho e afeto por aqueles que a sociedade, com pretensões científicas, escolheu mutilar, amordaçar, abusar, dopar, violentar. Quanta pretensão!

Quanta ousadia dessa alagoana, única mulher a se formar em medicina na Bahia em 1926, versada em francês e Baruch Espinoza – o maior filósofo de todos os hereges –, que se recusou a apertar o botão do eletrochoque por não aceitar a brutalidade de uma medicina higienista, oriunda da mistura de ideologias eugênicas e nazistas, e de outras bobagens da pseudociência ocidental destinadas a purificar a sociedade de todos aqueles considerados estranhos e anormais, escórias inferiores.

Nise fez uma revolução no Engenho de Dentro a partir do convívio humano, amoroso, ético, tolerante, compreensivo e verdadeiramente científico. Compreendendo as diferenças, realizou uma investigação poderosa da psique humana e de suas relações com a cultura e a história. E melhor: dr.^a Nise fez ciência através das artes e do conhecimento, curando por meio da criação humana, dando àqueles pacientes, por todos silenciados e ignorados, voz, pincel, alegria, teatro, dança, escultura, mostrando que outra humanidade, mais generosa, mais ética, mais bela e mais decente é possível. Abriu a possibilidade histórica de nos reencontrarmos com nossa natureza, com nossas essências, com nossos sentimentos, no convívio criativo, verdadeiro, sem falsidades ideológicas e emocionais. Gênio brasileiro não reconhecido em sua extensão, mais respeitada fora do que dentro do nosso país de futebol e televisão.

Obrigado dr.^a Nise por nos salvar da mediocridade e mesquinha, por revelar o que há de mais nobre em nossa espécie, por mostrar que é possível transformar, por nunca ter temido as rupturas, as perseguições, por ter suportado a prisão, o abuso, a sabotagem dos medíocres que, confortáveis na ilusão do poder, agarram-se a ele e trucidam o diferente, o novo, o não

compreendido. Nós vamos recuperar a dívida histórica que temos com a senhora. Obrigado mestra.

Rio, 17 de julho de 2009 (PORDEUS, 2014)

A partir da experiência científica da dr.^a Nise, iniciamos um trabalho no antigo Hospício do Engenho de Dentro, rebatizado de Instituto Municipal Nise da Silveira. A primeira medida foi a formação de agentes culturais de saúde, no Museu de Imagens do Inconsciente e outros espaços da UPAC. A segunda, foi a abertura da oficina de teatro que gerou uma melhora clínica significativa dos pacientes, mesma comunidade com quem Nise da Silveira trabalhara décadas antes. Nasce aí o Teatro-Clínica DyoNises, em homenagem ao deus do teatro Dioniso e a própria Nise. $2 \times \text{Nise} = \text{Dioniso}$. Nise retornava como Dioniso. Ou a grande mãe retorna através do seu filho sagrado, como tipificado por todas as mitologias humanas. Assim como Nise, tivemos a oportunidade de ler os arquétipos que sobressaíam das cenas que criávamos, com improvisação e convívio estável (afeto catalisador). A própria relação teatral coletiva era a “emoção de lidar”, nomenclatura proposta por um dos clientes ao se referir ao trabalho realizado pela médica.

Nessa oportunidade, pudemos contar com a participação de Reginaldo Rodrigues Terra, Miriam Rodrigues Galvão, Jacy da Costa Oliveira, Jeane Cardoso, João Roque da Silva, todos clientes do antigo Hospital Psiquiátrico Nise da Silveira e atores do Teatro-Clínica DyoNises. Essas experiências estão extensamente documentadas em filmes, fotografias e trabalhos acadêmicos.

O I Congresso da UPAC, em 7 e 8 de julho de 2011, no teatro Carlos Gomes, na praça Tiradentes, também marcou um importante encontro na trajetória da cenopoesia.¹ Os mestres cenopoetas Ray Lima, Vera Dantas e

¹ Segundo Dantas (2015), uma das fundadoras do movimento e uma das maiores estudiosas do tema, “a cenopoesia pauta-se numa perspectiva artística de base híbrida, em que suas obras resultam de um processo de criação democrático e aberto, acolhendo nos seus atos todas as formas de expressão, de saberes, de experiências e de linguagens, por meio de diálogo autônomo e afetivo. Busca a superação da excepcionalidade artística de modo a restaurar a condição ontocriativa das pessoas. Sua prática caracteriza-se pela articulação de repertórios humanos e suas composições se efetivam por meio de diversas modalidades. A atuação dos cenopoetas legitima a cenopoesia como um saber construído na práxis, a partir de vivências e experiências de vida. A cenopoesia emerge em solo popular, sendo praticada por pessoas que estão envolvidas, ativas, na

Junio Santos participaram do encontro e se associaram à UPAC. A participação desse trio inspirou os trabalhos do congresso, que funcionou como uma sucessão de apresentações artísticas e culturais através das quais as ideias em debate foram sucessivamente apresentadas, culminando, ao final do congresso, em uma síntese, bem ao estilo do fazer cenopoético.

Desde então, o grupo DyoNises assumiu a linguagem cenopoética como estrutura orientadora e organizadora do seu trabalho. A metodologia cenopoética se revelou perfeitamente adequada ao tipo de trabalho desenvolvido pelo Teatro-Clínica DyoNises por promover o diálogo entre as diferentes manifestações artísticas, com a valorização dos saberes e das culturas locais e proporcionando uma reflexão coletiva. No ano seguinte, 2012, o II Congresso da UPAC foi realizado no Hospício do Engenho de Dentro, ou Instituto Nise da Silveira. Depois do encerramento do congresso, parte dos participantes permaneceram no local, em uma ocupação cidadã-cultural, inspirada nos diversos movimentos de ocupação que então ocorriam no Brasil e no mundo. O Ocupa Nise, como ficou conhecida aquela ocupação, pretendeu ser simultaneamente uma denúncia da precariedade dos serviços públicos de saúde mental e um modelo inovador de atenção aos doentes por meio de uma abordagem integral da saúde e da cultura, aberta à participação popular. A ocupação funcionou de forma autogestionada e se tornou um espaço de formação em diversas áreas do conhecimento e de troca de experiências. A permanência da ocupação no Hospício Engenho de Dentro consolidou-se, dando lugar ao Hotel da Loucura, experiência que recebeu artistas, educadores, profissionais de saúde e cientistas de vários estados brasileiros e de outros países, em clima de festa e de aprendizado, no qual pacientes, profissionais de saúde, artistas e acadêmicos formaram uma comunidade que trabalhava de forma cooperativa, sem hierarquia.

O Hotel da Loucura começou a ganhar forma dentro do complexo psiquiátrico do Engenho de Dentro. Foi quando os andares desativados do Instituto Psiquiátrico Adauto Botelho foram ocupados. Nessas enfermarias, se

transformação do meio onde vivem. Configura-se como uma manifestação em prol da liberdade criativa, da democratização comunicativa, da emancipação humana, fortalecendo-se como uma forma inventiva de resistência criada pelo povo para se fazer presença na história”.

instalaram seis coletivos artísticos, que se tornaram os primeiros residentes do Hotel. Além disso, foram abertos quartos ocupados com camas beliche, destinadas a receber os participantes dos eventos e eventuais convidados. A estrutura contou ainda com uma cozinha, uma biblioteca e um hall de entrada, principal lugar de reuniões do coletivo. Assim, o projeto consolidou sua espacialidade, possibilitando o trânsito entre artistas, visitantes e pacientes internos e externos no interior do hospital (MAGALDI, 2018, p. 120).

Sobre o desenvolvimento inicial do grupo Teatro-Clínica DyoNises, ainda no Hotel da Loucura, Pordeus sublinhou que o nosso repertório teatral se diversificou.

No espírito shakespeariano “o mundo é um palco e todo ser humano é um ator”, aceitamos as contribuições de todos, o que sempre procurei incentivar, promovendo a expressão e acolhendo todas as manifestações. Ao longo dos anos, aprendi a valorizar muito mais as performances improvisadas dos pacientes como meio de acessar o conteúdo do inconsciente coletivo. [...] Graças ao trabalho desenvolvido no ‘Hotel da Loucura’, desenvolvemos a prática regular de conduzir cortejos teatrais no bairro do Engenho de Dentro e nos espaços abertos do antigo hospital psiquiátrico, liberando assim a criatividade dos atores clientes e permitindo o seu envolvimento no espaço público de toda a comunidade, aspecto importante da ressocialização. É de notar a resposta particularmente entusiástica dos casos mais graves de psicose no hospital, casos de dificuldades relacionais, agressões, que pareciam encontrar no nosso teatro um veículo de expressão adequado para as suas poderosas forças inconscientes (PORDEUS, 2018, p. 83).

Cena 6. A cenopoesia como ação cultural para a liberdade

O encontro com o cenopoeta Ray Lima e a médica Vera Dantas me levou ao contato com a linguagem da cenopoesia, que tivemos a oportunidade de implementar como prática regular e metódica na nossa experiência do Engenho de Dentro. Segundo Lima (“CENOPOESIA...”, 2020), um dos fundadores do movimento, a cenopoesia se caracteriza pela articulação de linguagens artísticas a fim de valorizar a expressão e a capacidade discursiva de seus praticantes. É uma linguagem aberta e viva que busca integrar os saberes dos cenopoetas e ressignificá-los coletivamente por meio de uma

síntese que ocorre durante o ato cenopoético. Para tanto, são utilizadas diversas manifestações artísticas, como “a música, a poesia, a dança, o desenho e a pintura, além do teatro, principalmente”, a fim de apresentar um espetáculo no qual não há palco nem plateia, nem atores nem espectadores (“CENOPOESIA...”, 2020). Não se pretende demonstrar a virtude de um artista ou de um produto cultural repetido para causar um efeito catártico ou mesmo crítico no público. O grupo de cenopoetas está junto com o coletivo de pessoas com quem interage, em comunhão, e, através de uma interação dialógica, mediada pelo recurso a diferentes manifestações artísticas, eles refletem sobre um ou mais temas pré-determinados, atingindo, assim, uma síntese para aquele contexto e para aquele coletivo. Por meio do desenvolvimento do projeto cenopoético em cortejos e apresentações em espaços públicos, Lima pretendia superar as limitações que identificava na linguagem falada e escrita a fim de romper com o que entendia como a opressão da linguagem sobre outras formas de expressão, nas quais a corporeidade é valorizada como elemento fundamental da comunicação. Desse modo, garante-se que os temas abordados nos atos cenopoéticos possam ser acessíveis a uma população muitas vezes excluída do acesso à educação formal e à cultura.

O conceito de dialogicidade desenvolvido por Paulo Freire (1921-1997), como característico do que é dialógico, é um elemento fundamental da prática cenopoética. Segundo o educador, o processo de humanização passa necessariamente pela busca da emancipação, por meio de “ações culturais pela liberdade”. Essas ações supõem, segundo Freire (1981, p. 56), a realização de um diálogo crítico, que deve ter como ponto de partida “as condições históricas e o nível de percepção da realidade dos atores”. O conteúdo da ação dialógica e problematizadora não pode ser predeterminado ou imposto, como ocorreria em uma “educação bancária”; deve ser definido a partir da investigação do que Freire (1981, p. 102) chama de “universo temático” de uma comunidade ou o conjunto de seus “temas geradores”, que será o ponto de partida da problematização. “Problematizar não é ‘slogannizar’, é exercer uma análise crítica da realidade do problema”, a fim de reconhecer

em que medida e como ele se insere em uma situação opressiva, para que seja possível superá-lo (FREIRE, 1981, p. 198).

Cena 7. Teatro-Clínica DyoNises: cinco anos de prática médica-psiquiátrica-teatral comunitária e transcultural

A formação contínua de atores gerou uma comunidade envolvida, que resultou na continuidade do projeto, mesmo após o fechamento abrupto do Hotel da Loucura (2009-2016) no Instituto Municipal Nise da Silveira. O grupo de atores continuou se reunindo e se apresentando em praças públicas desde 2016 — praça Rio Grande do Norte, no Engenho de Dentro, e parque do Arpoador, em Ipanema. Em 2018, o grupo se metamorfoseia no Teatro-Clínica DyoNises, com uma nova ênfase na dimensão clínica e de promoção de saúde mental.

O trabalho então ganha uma nova organização voltada para sua sustentabilidade comunitária, com reuniões clínicas e grupos de estudo semanais, além da intensa atividade teatral. Dada a sua proximidade com o Instituto Nise da Silveira, atores usuários, que foram frequentadores do Hotel da Loucura, participavam das atividades com regularidade, além de novos colaboradores. A primeira peça montada pelo coletivo foi *Lila*, de Goethe, que completava duzentos anos em 2018 e que tratava justamente da cura do delírio da baronesa Lila através do teatro, como disse Verazio, o médico da peça: “Vamos curar a fantasia através da fantasia”. Poder abordar a tônica do teatro-clínica, o teatro como ferramenta de saúde mental, de maneira cenopoética se mostrou uma escolha prolífica por parte do grupo, que acompanhou e tratou diversas crises durante o processo, de esgotamentos profissionais a tentativas de suicídio. Entre as peças de nosso repertório, destacamos os trabalhos com *Hamlet* (na praia do Arpoador e na então sede do Teatro-Clínica, no Méier), *Macbeth* (na Biblioteca Parque Estadual e no Instituto de Psicologia da UFRJ), *As bacantes*, de Eurípidés (no Campo de Santana e no Arpoador), que nos permitiram trabalhar temas como a “tradição de traição”, a instabilidade política e a fratura sexual.

Em 2020, a pandemia da covid-19 nos levou a uma pausa nos encontros públicos e começamos reuniões virtuais para a leitura da peça *O doente imaginário*, de Molière, uma peça que trata da hipocondria e da mania de doenças, explorando o que disse o médico medieval Paracelso quando fala que “a peste mata mil pessoas, o medo da peste mata 10 mil pessoas”. Um experimento interessante para o grupo, que volta a se reunir então em uma praça no Jardim de Alah, uma praça de menor porte e circulação, para a realização daquela peça. Na virada de 2020 para 2021, começamos um novo ensaio de *Hamlet* no terraço do prédio de um dos nossos atores, explorando, dessa vez, principalmente o tema da tradição da traição, das famílias disfuncionais que se sabotam, de um Estado corrupto e doentio e, mais uma vez, a peça dentro da peça, aproveitando que a personagem Hamlet também faz uso do teatro para resolver a trama de sua história, revelar e se endereçar aos traumas sobre os quais discute. Com a peça erguida, os atores treinados e a vacinação já avançada, levamos a apresentação para a praça do Arpoador, já consagrada na história do Teatro-Clínica Dyonises, onde ficou em temporada até o final de 2021.

Em 2022, decidimos abordar o trauma da colonização, tal qual descrito por Franz Fanon (1925-1961) e também trabalhado por outros psiquiatras, como o psiquiatra transcultural jamaicano Frederick Hickling (1944-2020). Para isso foi escolhida a peça *Galileu*, de Bertolt Brecht, que trata da usurpação forçada do conhecimento — o qual Galileu buscava difundir entre as massas — pela Inquisição. A peça e seus conteúdos se mostraram muito pertinentes, e o trauma colonial se mostrou muito vivo nos atores e na comunidade onde foi performada. Os atores e a comunidade responderam muito explosivamente aos conteúdos sombrios do inquisidor. Em duas ocasiões, durante a performance da peça, ocorreu um evento simbólico: uma mulher europeia que habitava um dos prédios de elite da região atacou o grupo por duas vezes, quebrando adereços da cenografia no meio da praça pública e tendo que ser contida por policiais. Depois dos acontecidos de *Galileu*, optou-se por dar um descanso aos personagens e ao grupo para focarmos mais no conteúdo de músicas e poesias com temas pertinentes ao trabalho. Esse intervalo permitiu a formação do Bloco Baco, inspirado nos

blocos de Carnaval carioca, que perdurou por todo 2022, se expandindo também para mais um dia de oficina realizado na Lapa, um cortejo noturno saindo da sede do grupo parceiro Tá na Rua e trabalhando sobretudo com a extensa população de rua da região, donde surgiu a ideia, pela contribuição desses novos atores com o conteúdo dos cortejos, da próxima peça a ser realizada em 2023, *A ópera dos mendigos* (1724), John Gay.

O grupo tem uma extensa gama de atores flutuantes, que participam esporadicamente ou que encontram o grupo nas ruas e se juntam a ele apenas naquela performance. Mas há um núcleo grosso de atores entre os quais está Reginaldo Terra, nosso ator mais velho, com 73 anos, ator no Teatro-Clínica de DyoNises desde 2009, que passou 58 anos internado em instituições psiquiátricas no Rio de Janeiro e que retomou sua autonomia no trabalho com o teatro; Rafael Manheimer, ator profissional e cliente, que já fora condenado pela psiquiatria tradicional a passar o resto da vida institucionalizado, mas que também retomou sua autonomia pelas práticas com o DyoNises; Jaci Oliveira “Pelezinho”, paciente psiquiátrico que saiu das ruas após o ingresso no grupo; Thiago Beck, agora psicólogo, que desistiu de largar sua formação depois de encontrar sentido em sua prática ao conhecer o trabalho do Teatro-Clínica de DyoNises; Nathali Cristino, psicóloga, funcionária do SUS federal, que se curou de uma grande crise de burnout com o trabalho e reorganizou sua carreira e planos; Nando Rodrigues, ator profissional, parte do Tá na Rua há vinte anos, faz parte do grupo desde o Laboratório Tupi-Nagô e que tem se desenvolvido como ator-terapeuta-pesquisador no DyoNises, além de entender essa prática como pedra fundamental no seu desenvolvimento humano e conquista de autonomia; Thalita Rodrigues, paciente que cuidou de um quadro de depressão; Ricardo Nogueira, psicólogo que buscou o trabalho para um melhor conhecimento de si e para entrar em contato com as próprias emoções, para “aprender a chorar”, como disse uma vez em performance na praça pública; Larissa Christ, psicóloga que também chegou em burnout depois de um intenso trabalho com populações que sofreram desastres ambientais; Mirian Rodrigues, paciente psiquiátrica com mais de vinte anos de histórico em instituições, que alcançou

a desmedicalização e completou o primeiro grau depois do ingresso no DyoNises; Vitor Pordeus, médico psiquiatra, já mencionado anteriormente.

Epílogo. Ação cultural, rituais coletivos e saúde mental comunitária

Essa experiência com catorze anos nos faz refletir sobre a importância dos rituais das ações culturais para a saúde mental humana e suas comunidades. Soma-se a isso extensa evidência científica dos campos da paleoantropologia (SHLAIN, 1998) e da primatologia (GOODALL, 2003), nos quais nossos ancestrais primatas exibem riquíssima cultura ritual e sistemas de comunicação sofisticados. Assim, esperamos que nossa experiência clínica institucional e comunitária, do Hotel da Loucura ao Teatro-Clínica DyoNises ajude a inspirar novos grupos a se engajarem na construção cultural da saúde comunitária, aproveitando os resultados positivos e métodos relatados neste roteiro. Evoé! DyoNise-se!

FIM

Rio de Janeiro, 2 de maio de 2023

Bibliografia

“CENOPOESIA: uma outra abundância” Entrevista com o Cenoprofeta Ray Lima sobre cultura e ideologia. Brasil: [s.n.], 13 jun. 2020. 1 vídeo (1 h 28 min 45 s).

Publicado pelo canal Vitor Pordeus. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=hTIUZMo9fwo&ab_channel=VitorPordeus.

Acesso em: 15 maio 2023.

DANTAS, Maria Josevânia. **Cenopoesia, a arte em todo ser: das especificidades artísticas às interseções com a educação popular**. 2015. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

Um roteiro-memória-reflexão sobre os catorze anos de prática médica e teatral comunitária: do Hospício do Engenho de Dentro ao Teatro-Clinica Dyonises

- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GOODALL, Jane. **Comportamento de primatas**. São Paulo: Edusp, 2003.
- HICKLING, Frederick. **Decolonization of Psychiatry in Jamaica**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.
- LIMA, Ray. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- MAGALDI, Felipe. **A unidade das coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil**. 2018. 286 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- PORDEUS, Vitor. Até ator tem – Tá na Rua!. **Imanente Mente**, Brasil, 17 ago. 2007. Disponível em: <http://imanentemente.blogspot.com/2007/08/t-na-rua.html?q=%22at%C3%A9+ator+tem%22>. Acesso em: 15 maio 2023.
- PORDEUS, Vitor. **E, ainda assim, se move**. Brasil: [s.n.], 2008. Disponível em: <https://archive.org/details/EAindaAssimSeMove>. Acesso em: 15 maio 2023.
- PORDEUS, Vitor. **Restoring the Art of Healing**. Canada: LAP LAMBERT Academic Publishing, 2018.
- PORDEUS, Vitor. Revolução no Engenho de Dentro. **Imanente Mente**, Brasil, 13 jan. 2014. Disponível em: <https://imanentemente.blogspot.com/2014/01/revolucao-no-engenho-de-dentro.html?q=revolu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15 maio 2023.
- SHLAIN, Leonard. **The Alphabet Against the Goddess: The Conflict between Word and Image**. New York: Penguin, 1998.